

(RE)CONTAR (UM)A HISTÓRIA: SARAMAGO E SUA HISTÓRIA DO CERCO

Lucas da Silva LOPES¹

Orientadora: Profª. Dra. Viviane Veras

Resumo: O presente texto tem o propósito de tecer alguns comentários sobre a obra “História do Cerco de Lisboa” de José Saramago a partir das discussões sobre história e ficção, sobretudo a partir das considerações de Hayden White. Também remeteremos a alguns conceitos teóricos de Umberto Eco, bem como a outras teorias da interpretação. Pretende-se apontar certas estratégias ficcionais presentes na narrativa e, por fim, tecer algumas considerações sobre a relação da narrativa com a teoria da interpretação e com a história.

Palavras-chave: interpretação; narrativa; história; ficção; intertextualidade.

1. INTRODUÇÃO

Sétimo romance de José Saramago, História do Cerco de Lisboa (doravante HCL), publicado em 1989, narra a retomada da cidade lusitana, então sob domínio árabe, pelo exército português². Essa retomada pela via da ficção não só revisa a história da cidade, como também subverte a história do cerco pelas mãos de seu protagonista, o revisor Raimundo Silva.

Em poucas palavras, o romance conta a história desse revisor que, incumbido de proceder com a revisão de um livro histórico sobre o cerco de Lisboa, resolve acrescentar um *não* a uma das sentenças decisivas. Após o ato subversivo, Raimundo é levado a recontar a história do cerco contando com esse *não*.

Este texto propõe uma breve análise de HCL no intuito de apontar algumas estratégias narrativas de que o autor lança mão, bem como considerações acerca do romance e de interpretações possíveis. Tomamos como apoio teórico as reflexões sobre as relações entre história e ficção, sobretudo os conceitos de Hayden White (1991;1994), além disso, para pensar os elementos envolvidos na estruturação de uma narrativa, recorremos aos apontamentos de Umberto Eco (1994). Também é importante citar que consultamos o relato atribuído ao cruzado Osberno (1936) para pensar a maneira como esse escrito aparece em HCL.

O que se pretende é apenas erigir certos aspectos da construção ficcional que se mostram importantes para o desenvolvimento da narrativa e, principalmente, trazer

¹ Graduando em Letras pela Universidade Estadual de Campinas.

² A retomada de Lisboa pelos portugueses ocorreu no ano de 1147.

algumas considerações sobre a relação do romance com a história à luz de teorias da interpretação.

2. HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA: TÍTULO E INTERTEXTOS

O título escolhido por Saramago para seu romance de revisão histórica é notável. História do cerco de Lisboa bem poderia ser, e talvez o seja ou tenha sido, um título de um manual tradicional de história, podendo ser aplicado a um livro escolar ou mesmo a um capítulo deste. No entanto, apesar do título tradicional, a narrativa apresentada é exatamente o oposto da tradicionalidade – se me permitem o neologismo inspirado no narrador saramaguiano – que aparece no título.

É de se refletir que tal título não tenha sido escolhido por acaso, e podemos mesmo afirmar que já pressupõe certo leitor-modelo³, uma vez que o leitor é levado a antever a possibilidade de o livro oferecer algum tratamento diferente à história do cerco de Lisboa diante do título e do corpo da obra de Saramago – dificilmente um leitor minimamente informado sobre o autor em questão levantaria a hipótese de que Saramago pudesse escrever um manual histórico tradicional. Por outro lado, o leitor de língua portuguesa, ciente das conquistas e reconquistas sofridas por Lisboa, não acreditaria em um texto de ficção que narrasse tal fato sem nenhum tratamento diferenciado, afinal, já é um fato histórico amplamente conhecido. Portanto, o título de HCL induz o leitor atento a esperar algo que fuja da objetividade comumente atribuída a textos históricos que poderiam muito bem ter um título idêntico ao do romance.

Também é importante refletir sobre a intertextualidade presente em HCL. É recorrente na obra de Saramago a relação com outras obras provindas da produção literária portuguesa ou mundial, como ocorre em “O ano da morte de Ricardo Reis” e em “A Caverna”, cuja intertextualidade remete à obra de Fernando Pessoa e ao mito de Platão, respectivamente.

HCL apresenta uma intertextualidade forte (e básica para a construção do romance) com o fato histórico da reconquista de Lisboa pelos portugueses – um cerco –, que deve ser conhecido do leitor em seu caráter “oficial” para que a subversão presente no texto seja devidamente compreendida em toda a sua extensão e implicações. Também há diferentes referências no decorrer da obra a relatos históricos que ficaram famosos por seu caráter

³ No arcabouço da teoria elaborada por Umberto Eco (1994), figuram os conceitos de leitor-empírico, leitor-modelo, autor-empírico, narrador e autor-modelo, essenciais para a teoria de Eco e úteis para pensar o leitor que o título de HCL, já de partida, começa a delinear. Para uma breve explanação, podemos considerar o leitor-empírico o indivíduo que lê; enquanto isso, o leitor-modelo se configura no processo de leitura como o tipo de leitor que é requerido pelo texto, ou seja, a obra textual (independente de ser literária ou não) pressupõe, e mesmo ajuda a construir, um leitor ideal para sua leitura (trata-se de um leitor que responde adequadamente aos estímulos provindos do texto). Quanto ao autor, Eco defende a existência de um autor-empírico, ou seja, o indivíduo que escreve um texto (escritor de profissão ou não); de um narrador, ou seja, aquele que dentro do texto conta a história, podendo ser uma personagem. Por último, Eco comenta sobre o autor-modelo: aquele que deixa no texto as marcas que devem ser trilhadas pelo leitor-modelo. (ECO, 1994)

testemunhal, como é o caso do relato atribuído a Osberno e largamente citado durante a narrativa.

Além do intertexto com o registro histórico do cerco de Lisboa, há também o intertexto com outras obras literárias. Ronald W. Sousa (2005), em obra organizada por Harold Bloom a respeito de Saramago, observa que HCL possui uma forte intertextualidade com “A Ilustre Casa de Ramires”, de Eça de Queirós. Ambos os romances têm um personagem-escritor como protagonista e em ambas as situações o protagonista efetua uma reorganização histórica a partir de outro relato histórico principal, e, essa narrativa histórica desenvolvida pelo protagonista, é apresentada ao leitor através dos pensamentos da personagem. Em seu artigo, Ronald Sousa comenta:

Assim de modo extremamente similar a *A Ilustre Casa de Ramires* o leitor é apresentado a uma personagem principal que é o autor escrevendo um texto histórico (ou desse tipo) com base em um texto anterior sobre o qual outros textos adquirem formas específicas. [...] Além disso, como na obra anterior, o leitor se vê diante de extensas passagens do texto – histórico – sob-construção da maneira mesma como – provavelmente – se passa na mente do personagem/autor e sai para a página (SOUSA, 2005, p. 100, tradução nossa)⁴

Também são dignas de notas as referências a passagens bíblicas, história cristã (sobretudo indicações católicas), cultura popular da época (o cantor Leonard Cohen⁵ cuja performance aparece na televisão de Raimundo) e referências a clássicos da literatura mundial (Dr. Jekyll e Mr. Hyde⁶ são citados em diversas passagens, por exemplo).

O título e as intertextualidades mencionadas apontam para a exigência de um leitor-modelo conhecedor da história portuguesa, principalmente das conquistas e reconquistas de Lisboa, do funcionamento discursivo de relatos históricos tradicionais (conhecedor do gênero de escrita de textos históricos) e da qualidade de subversão latente na ficção, além da necessidade de conhecimento de certas obras da literatura portuguesa (e mundial) e dos relatos históricos do cerco que perpassam a obra como um pano de fundo silencioso, mas presente.

A rede de intertextualidades explícitas, implícitas ou mesmo possíveis também aponta para uma enciclopédia do leitor-modelo que vai sendo configurada ao longo do texto. Raimundo Silva também faz observações atentas sobre a arquitetura, aspectos geográficos e aspectos topográficos da cidade, chegando, em alguns momentos, a comparar a arquitetura da Lisboa de seu tempo com a Lisboa dominada pelos muçulmanos, estabelecendo paralelos entre as marcas deixadas na estética da cidade. Um leitor-modelo com conhecimento da geografia lisboeta encontra em tais citações a possibilidade de colocar sua enciclopédia arquitetônico-geográfica em ação (como faz Eco com os

⁴ Texto original: “Thus in ways extremely similar to *A Ilustre Casa de Ramires* the reader is presented with a main character who is the author writing a historical text (of sorts) based on a prior text (of sorts) upon which other texts bear in specific ways. [...] Also as in the earlier novel, the reader is given verbatim extended passages of the historical text-under-construction as – presumably – it passes through the mind of the character/author and out onto the page.” (SOUSA, 2005, p. 100).

⁵ Cantor canadense com forte popularidade na década de 1980 e início dos anos 1990.

⁶ Cf. “The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde” (1886), novela de Robert L. Stevenson (1850–94).

mapas de Paris ao analisar Dumas⁷). No entanto, do leitor é exigido muito mais, dado que a ambição do romance vai além de um *não* colocado subversivamente no texto de outrem pelo revisor Raimundo. Com esse *não* o romance questiona todo e qualquer texto histórico, como veremos mais à frente.

3. AS NARRATIVAS DE UMA HISTÓRIA

Várias são as histórias que se encontram, caminham em paralelo e, às vezes, se cruzam em HCL. A história de amor entre o revisor Raimundo Silva e sua chefe Maria Sara, a história do cerco comandado por D. Afonso Henriques, as incursões no cotidiano e cultura muçulmanas, sem deixar de lado a história de amor do soldado Mogueime e Ouroana. São múltiplas histórias contadas e cruzadas.

O narrador que as perpassa ora é a habitual voz ensaística dos romances saramaguianos, ora é o pensamento de Raimundo que descreve as cenas de uma manhã na rotina muçulmana, porém, mesmo ali a voz ensaística continua a aparecer. O leitor precisa lidar com essas diferentes tramas enquanto também acompanha as digressões do narrador (às vezes, das personagens) que o colocam em face de questões filosóficas sobre a construção de uma verdade histórica e sobre as possibilidades múltiplas de interpretações de um fato.

A história de amor de Raimundo e Maria Sara é construída em paralelo com a história de amor (fictícia?) de Mogueime e Ouroana, tendo ambas um cão como ponto comum. As relações amorosas entre os gêneros em diferentes épocas, as formas de conquistas e qualidades admiradas, toda a subjetividade e contextos sociais que incidem na relação de casais de épocas distintas são problematizadas diante do leitor, sem ônus de uma em relação à outra, as duas apresentadas pelo narrador como relações cheias de beleza.

Composto em meio a diversos intertextos e referências, e repleto de diferentes histórias cruzadas, HCL constrói uma textualidade que, enquanto efetua transgressões no relato do cerco, é capaz de “cercar” o leitor em seus diferentes caminhos ficcionais. Assim como são muitas as “Lisboas” presentes no relato, muitos são os cercos relatados e transgredidos ao longo da narrativa.

É preciso que o leitor aceite o acordo ficcional necessário para acompanhar a narrativa, conforme descrito por Eco (1994). O acordo estipula que o leitor deve “suspender a descrença” e fingir que o que é narrado aconteceu. A história do cerco de Lisboa contada por Raimundo Silva e atravessada pela voz do narrador ensaísta, por sua densidade psicológica e movimento reflexivo, pode parecer mais convincente que os dados históricos do evento em pauta. A improvável história de amor entre Mogueime e Ouroana, tão similar e tão diferente da de Raimundo e Maria Sara, apesar de improvável pelo contexto de tensão, é uma história possível. Toda a reorganização da história do cerco, bem como as diversas histórias apresentadas nesse contexto, encontra algum

⁷ Cf. o capítulo “O estranho caso da rua Servandoni” in: ECO, U. (1994) Seis passeios pelos bosques da ficção. Cap. 5, p.103-122. Companhia das Letras. São Paulo.

respaldo em possibilidades do mundo real, mesmo que em alguns momentos pareçam possibilidades anacrônicas. Dessa forma, o leitor deve fingir: ...e se?

4. A QUESTÃO DA HISTÓRIA

Dentre as diversas questões presentes em HCL, uma das mais produtivas diz respeito à escrita da história. A historiografia, bem como os documentos canônicos considerados base do discurso histórico, são questionados em seu ideal de objetividade e colocados sob suspeita devido a sua parcialidade.

Vale lembrar que a História como disciplina “científica” é tradicionalmente vista como produtora de discursos objetivos, imparciais e neutros. No entanto, com os estudos da linguagem como fenômeno social e com a ênfase no funcionamento da linguagem nos diversos discursos presentes na sociedade, as noções de objetividade, imparcialidade e neutralidade passaram a ser problematizadas. No campo da filosofia da linguagem, ganha destaque a proposta de John L. Austin em *How to do things with words* (1962), que põe em cena o valor performativo da linguagem, que passa ao campo da linguística como ‘teoria dos atos de fala’.

Naturalmente, essas abordagens linguísticas propiciam um novo olhar sobre os diferentes discursos presentes na sociedade, entre eles o discurso histórico. Não mais aceitos como verdades ou mesmo representações inequívocas dos fatos, o discurso histórico passa a ser questionado em diferentes direções:

O que a moderna teoria linguística demonstra é que as palavras não passam de coisas entre outras coisas no mundo, que elas sempre haverão de obscurecer tanto quanto aclarar objetos que pretendem significar, e que, portanto, todo sistema de pensamento elaborado com a esperança de idear um sistema de representação de valor neutro está fadado à dissolução quando a área das coisas que ele remete à obscuridade emerge para insistir em seu próprio reconhecimento. (WHITE, 1994, p. 255)

Quanto a HCL, a intertextualidade com textos históricos medievais consagrados como o relato de Osberno e o de D. Afonso Henriques é constante na reelaboração realizada (cf. MATIAS; ROANI, 2008). A partir de tais referências canônicas, Saramago tece considerações sobre o discurso histórico, aponta as incongruências entre os diversos relatos, as omissões presentes em cada um deles, assim como a parcialidade oculta sob o signo da objetividade do relato histórico. Como pano de fundo de suas reflexões para a concepção de história como narrativa.

[...] o discurso histórico [é] uma mediação verbal dos acontecimentos, e nunca uma representação totalmente verdadeira do real, as relações que se estabelecem entre História e Literatura, particularmente a aproximação no modo de expressão (narratividade) e no conteúdo (passado do ser humano), são objeto de numerosos comentários em História do Cerco de Lisboa (FREITAS, 2011)

Assim, já na cena inicial de HCL, diante da defesa do autor do original de História do cerco de Lisboa a respeito da objetividade do seu escrito historiográfico, o revisor Raimundo Silva equipara o discurso histórico ao discurso literário.

O meu livro recorde-lhe é de história [...] **porém tudo quanto não for vida é Literatura**, A história também. **A história sobretudo**, sem querer ofender [...] (SARAMAGO, 2000, p. 15, grifos nossos)

As críticas dirigidas à historiografia presentes em HCL encontram ancoragem nas reflexões de Hayden White, para quem o discurso histórico é vizinho do discurso narrativo e, por consequência, vizinho, como observa Assis e Cruz, do fazer literário.

O modo como uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, vale dizer, criadora de ficção. (WHITE, 1994, p. 102)

[...] a história é uma criação literária, já que sempre será interpretada através de relíquias textualizadas que, por sua vez, só podem ser compreendidas por meio das pistas de interpretações a serem organizadas pelos historiadores. (ASSIS; CRUZ, 2010, p. 114)

Pautado nesse modo de encarar o discurso histórico, Saramago dispõe de uma variada gama de possibilidades de exploração da história na literatura. Nesse caminho, elege personagens e situações deixadas de lado pelo discurso oficial da história como pontos centrais de sua obra, trata com ironia o caráter heroico da saga dos portugueses em busca da reconquista de Lisboa – ponto essencial para o estabelecimento da nação portuguesa – e apresenta D. Afonso Henriques, notório herói nacional, como homem de linguagem chula e de argumentação ingênua, desmitificando-o.

[...] o discurso histórico [...] sempre significa mais do que literalmente diz, diz algo diferente do que parece significar, e só revela algumas coisas sobre o mundo ao preço de esconder outras tantas. [...] nenhum deles [clássicos da historiografia] jamais “encaixotou” um problema histórico definitivamente, mas antes sempre “destampou” uma perspectiva sobre o passado que inspira mais estudo. É este fato que nos autoriza a classificar o discurso histórico primordialmente como interpretação, mais do que como uma explicação ou descrição, e sobretudo como um tipo de escrita que, em vez de apaziguar nossa vontade de saber, nos estimula a cada vez mais pesquisa, cada vez mais discurso, cada vez mais escrita. (WHITE, 1991, p. 6-7)

A reescrita do cerco por Saramago constitui-se em uma correção na qual os aspectos e personagens deixados à margem da história oficial, bem como os pontos nos quais não há consenso, adquirem importância.

[...] o narrador alerta o leitor para o facto de a historiografia, sendo uma representação verbal da realidade, poder incorrer em erros, denunciando o caráter impreciso e provisório da História. É neste sentido que se entabre a possibilidade de construção de uma história alternativa, iniciada, desde logo, pela propensão efabulatória de Raimundo Silva enquanto procede à revisão do texto do historiador. (FREITAS, 2011)

O questionamento do discurso histórico aparece em um cenário mais amplo como possibilidade de humanização e relativização dos fatos que, no discurso histórico, são submetidos a uma visada objetiva. Como afirma Kuntz (2002) “[...] ao questionar a História como verdade incontestável, os fatos são apresentados ao leitor de modo a levá-lo a uma apreensão mais rica da realidade”. A estruturação de um fato histórico sob o qual incidem diferentes pontos de vista quer sejam as reflexões de Raimundo, as digressões do narrador saramaguiano, as concepções dos muçulmanos ou dos portugueses, possibilita a ampliação do senso crítico do leitor a respeito da História tal como lhe foi apresentada.

Ao abordar, por exemplo, o famoso discurso proferido por D. Afonso Henriques para convencer os Cruzados a auxiliarem os portugueses no cerco, Raimundo Silva tece considerações sobre a verossimilhança do discurso presente no relato de Osberno com o que, de fato, poderia ter sido dito na referida ocasião.

[...] enquanto relê o discurso que D. Afonso Henriques fez aos cruzados, **conforme a versão dita de Osberno**, ali traduzida do latim pelo próprio autor da História, que não se fia das lições alheias, mormente tratando-se de matéria de tal responsabilidade, nem mais nem menos a primeira fala averiguada do nosso rei fundador, que outra, aliás, não se conhece bastante autorizada. Para Raimundo Silva, **o discurso é, todo ele, de ponta a ponta, uma absurdidade**, não que se permita duvidar do rigor da tradução, que não está a latinaria entre as suas prendas de revisor apenas médio, mas porque não se pode, é que **não se pode mesmo acreditar que da boca deste rei Afonso, sem prendas, ele, de clérigo, tenha saído a complicada fala, bem mais à semelhança dos sermões arrebicados que os frades hão-de dizer daqui a seis ou sete séculos** [...] (SARAMAGO, 2000, p. grifos nossos)

É interessante observarmos o discurso de D. Afonso Henriques presente no relato de Osberno e, posteriormente, como o mesmo discurso é reelaborado por Raimundo Silva. Vejamos a versão de Osberno:

Sabemos bem, e temos deante dos olhos, que vós haveis de ser homens fortes, denodados e de grande destreza; e, em verdade, a vossa presença não diminuiu à nossa vista o que de vós nos dissera a fama. Não vos reunimos aqui para saber o quanto a vós, homens de tanta riqueza, seria bastante prometer para que, enriquecidos com as nossas dádivas, ficásseis conosco para o cerco dessa cidade. Dos mouros, sempre inquietados, nunca pudemos acumular tesouros, com os quais acontece algumas vezes não se poder viver em segurança. Mas, porque não queremos que ignoreis os nossos recursos e quais as nossas intenções para convosco, nem por isso deveis desprezar a nossa promessa, pois que consideramos como sujeito ao vosso domínio tudo que a nossa terra possui. Duma coisa porém estamos certo; e é que a vossa piedade vos convidará mais a êste trabalho e ao desejo de realizar tam grande feito, do que vos ha-de atrair à recompensa a promessa do nosso dinheiro (OSBERNO; ARNULFO, 1936, p. 63)

Note-se a seguir o mesmo discurso na versão elaborada por Raimundo Silva:

Nós cá, embora vivamos neste cu do mundo, temos ouvido grandes louvores a vosso respeito, que sois homens de muita força e destros nas armas o mais que se pode ser, e não duvidamos, basta pôr os olhos nas robustas compleições que ostentais, e quanto ao talento para a guerra fiamo-nos no rol dos vossos feitos, tanto no religioso como no profano. Nós cá, apesar das dificuldades, que tanto nos vêm do ingrato solo como das várias imprevidências de que padece o espírito português em formação, vamos fazendo o possível, nem sempre sardinha nem sempre galinha, ainda por

cima tivemos a pouca sorte de nos terem cabido estes mouros, gente de escassa riqueza, se vamos a comparar com Granada e Sevilha, por isso mais vale tirá-los daqui duma vez para sempre, e neste ponto é que se levanta uma questão, um problema, que passo a submeter a vosso critério, e que é o seguinte, A bem dizer, a nós o que nos convinha era uma ajuda assim para o gratuito, isto é, vocês ficavam aqui um tempo, a ajudar, quando isto acabasse contentavam-se com uma remuneração simbólica e seguiam para os Santos Lugares [...] (SARAMAGO, 2000, p. 139)

Como se pode notar, a menção histórica do passado operada por Saramago em HCL sobre o episódio do cerco é tecida com fios de ironia e de sátira. No trecho citado, por exemplo, o discurso considerado fundador da nação portuguesa, proferido por seu herói nacional, é apresentado de modo coloquial, desprovido de rebuscamentos retóricos e sem a eloquência esperada de um nobre. Em HCL, portanto, aquele que é tido como herói nos discursos tradicionais é trivializado e satirizado, enquanto os pequenos personagens ignorados pela história oficial são colocados em destaque.

Da mesma forma, a escolha de um revisor como protagonista do romance constitui-se em uma posição política de valorização daqueles que, em geral, não recebem atenção na sociedade moderna. No contexto da indústria literária moderna, o revisor é uma personagem relegada às sombras de uma imensa estrutura empresarial sob a qual incide o foco do grande público. Coerente com tal posicionamento, Raimundo Silva recebe o tratamento de revisor durante todo o romance, mesmo quando se mostra engajado na escrita de sua própria versão do cerco.

Podemos dizer, por fim, que HCL revitaliza o romance histórico na medida em que aborda esse gênero com o movimento de colocar em dúvida as verdades sedimentadas na sociedade com o fito de ampliar a consciência histórica do leitor ao colocar em destaque outras possibilidades não consideradas pela história oficial, ao dar voz a personagens marginais e, principalmente, ao satirizar e ironizar a história apreendida como monumento de verdades. Ao elencar diversas histórias marginais, HCL aponta-nos que “uma história é feita da articulação de muitas histórias paralelas” (REMÉDIOS, 2011, p. 165).

Entretanto, HCL ainda vai além do romance histórico, constitui-se, de fato, em uma meta-ficção historiográfica, pois discute os procedimentos historiográficos e os procedimentos da escrita de ficção, reflete sobre as proximidades entre ambos e, ainda, foge de uma visão teleológica, ou seja, não é conclusivo acerca do episódio histórico escrutinado.

É o que faz o revisor/escritor. Reduz a distância entre o fato passado e o presente, reescrevendo esse passado num novo contexto. A história que ele cria refere-se a outros textos com os quais se comunica; refere-se a textualizações anteriores às quais o revisor/escritor remete; refere-se a vozes diferentes que se presentificam no texto. Saramago nega, em consequência, a concepção de texto regido pela voz autoritária do narrador, recusando-se a projetar o mundo ficcional e a história a partir de uma consciência individual única. Destaca-se, no romance, a plurivocalidade e o narrador permite transitar nas vozes das personagens a história e a sociedade como textos em que se inscreve, ao reescrevê-los. (REMÉDIOS, 2011, p. 166)

Ao final, diante do destaque dado aos deixados à margem, aos vencidos, aos considerados insignificantes pela história oficial, ou seja, diante do esforço do revisor/escritor em apresentar-nos outra versão possível da história oficial, mostrando-nos que a

história é composta de diversas versões – existentes ou possíveis –, volta-nos à mente a declaração de Raimundo Silva ao Autor de História do Cerco de Lisboa na cena inicial do romance: “Contentemo-nos com a ilusão de semelhança, porém, em verdade lhe digo, senhor doutor, se me posso exprimir em estilo profético, que o interesse da vida onde sempre esteve foi nas diferenças.” (SILVA, citado por SARAMAGO, 2000, p.11).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, G; CRUZ, M. (2010) Desconstruindo a história: Hayden White e a escrita da narrativa. Revista Mosaico. v.3, n.1, p.111-118, jan./jun.
- AUSTIN, J.L. (1962). How to Do Things with Words. Oxford: Clarendon Press [ed. bras. Quando dizer é fazer. Tradução de Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990].
- ECO, U. (1994) Seis passeios pelos bosques da ficção. Tradução de Hildegard Feist. Companhia das Letras. São Paulo.
- FREITAS, C. (2011) História do Cerco de Lisboa de José Saramago: (re)pensar o conhecimento histórico. Revista de Educação da ESSE de FAFE. (on-line), n.1, p. 1-38. Disponível em: <http://www.iesfape.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=18&Itemid=97&lang=pt&limitstart=5>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- KUNTZ, M. (2002) A metaficção historiográfica em História do Cerco de Lisboa. Revista do Centro de Estudos Portugueses (CESP). (on-line). p. 1-15. Disponível em: <[http://www.letas.ufmg.br/cesp/textos/\(2002\)07-A%20metaficcao.pdf](http://www.letas.ufmg.br/cesp/textos/(2002)07-A%20metaficcao.pdf)>. Acesso em: 24 jun. 2012.
- MATIAS, F; ROANI, G. (2008) História do cerco de lisboa: As fontes medievais de José saramago e a transfiguração literária da história. Revista Vertentes. (on-line), v.32. Disponível em: <http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_32/felipe_e_gerson.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- OSBERNO; ARNULFO. (1936) Conquista de Lisboa aos mouros em 1147. Texto latino com tradução de José Augusto de Oliveira. Prefácio de Augusto Vieira da Silva. 2. ed. S. Industriais da C.M.L. Lisboa.
- REMÉDIOS, M. (2011) José Saramago: ficção inovadora e criativa. IPOTESI, v. 15, n.1, p. 163-172. Juiz de Fora.
- SARAMAGO, J. (2000) História do Cerco de Lisboa. Companhia das Letras. São Paulo.
- SOUSA, R. (2005) José Saramago “Revises,” Or Out of Africa and Into Cyber-History. In: BLOOM, H (org.). José Saramago – Bloom’s Modern Critical Views. Chelsea House Publishers. Philadelphia.
- WHITE, H. (1991) Teoria Literária e escrita da História. Tradução de Dora Rocha. Estudos Históricos. Vol. 7, n.13, p. 21-48. Rio de Janeiro.
- WHITE, H. (1994) Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. EDUSP. São Paulo.